

7.01.05 - Filosofia / Epistemologia

CONHECIMENTO E VIRTUDES SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO NA SUMA TEOLÓGICA

Nicolli Alexandre Galvão¹, Agnaldo Cuoco Portugal²

1. Estudante de Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (FIL-UnB)

2. Professor do Departamento de Filosofia da UnB/Orientador

Resumo

Pretende-se estudar as teses de Tomás de Aquino sobre o conhecimento humano e a sua relação com as virtudes, na *Suma Teológica*. As virtudes seriam boas disposições duradouras, *habitus*, localizadas nas potências da alma, ganhas a partir da prática, livre e intencional, de atos bons que assegurariam uma maior fluidez dessas ações e sua realização de forma aperfeiçoada. Nesse sentido, as potências que mais se relacionam ao conhecimento são as intelectivas e as apetitivas. Portanto, espera-se que virtudes nelas venham ajudar, respectivamente, a chegar à verdade e à vontade reta. Além disso, ambas as virtudes estão em conexão, ou seja, uma alma que almeja o conhecimento não deve ser perturbada pelo desordenamento das paixões e uma vontade reta precisa ter conhecimento ordenado de seus objetos de desejo para que alcance seu fim. As virtudes, por promoverem a realização das potências, trazem felicidade, pois, em uma de suas acepções, bem-aventurança é exatamente isso.

Palavras-chave: Epistemologia; *habitus* bons; bem-aventurança.

Introdução

Os textos em estudo se localizam na *Suma Teológica (S.T.) I, II, IV e VI*, nas questões, respectivamente, 16-17, 84-89, 49-67 e 109-110. Buscar-se-á, nos mencionados textos de Tomás de Aquino, responder à indagação: o que faz alguém ser um bom conhecedor? O autor argumenta que não é uma percepção mais profunda do real que faz alguém inteligente, mas um raciocínio acurado sobre o mesmo. O que se quer dizer é que o real é o mesmo para todos, mas os pensamentos acerca dele é que podem ser verdadeiros ou falsos. Nesse sentido, vai obter julgamentos verdadeiros aquele que tiver em si as ferramentas que tornam as potências cognitivas e apetitivas aperfeiçoadas, a saber, os *habitus* bons. Esses *habitus* são entendidos como virtude por levarem o ser humano a desenvolver, através da prática, ao máximo as suas capacidades, com fluidez e liberdade. Não obstante, mostrar-se-á que as virtudes intelectuais e apetitivas estão em conexão, pois o apetite ordenado é imprescindível para uma reta razão e que a mesma é imprescindível para uma vontade reta. Essa conexão influenciará o surgimento, crescimento e desaparecimento das virtudes no homem. Por outro lado, o sujeito que investe na prática de *habitus* maus, ou apenas se descuida ao praticar ações aperfeiçoadas, acabará por tirar conclusões falsas.

Este trabalho visará mostrar a interação entre as virtudes intelectivas e apetitivas para a produção do conhecimento humano.

Metodologia

O método de estudo consistiu na leitura dos textos selecionados pelo orientador, a saber, nos textos da *Suma Teológica (S.T.) I, II, IV e VI*, nas questões, respectivamente, 16-17, 84-89, 49-67 e 109-110, e no resumo e análise crítica dos mesmos. A partir desses resumos, foi possível, refletindo, chegar aos resultados, aqui, expostos.

Resultados e Discussão

Como começa o processo intelectual, em outras palavras, como o material se torna imaterial? Na *Suma Teológica*, está a tese de que a alma possui a potência intelecto agente, que faz com que as coisas do mundo, experienciadas pelos órgãos corporais, tornem-se representações imaginárias. Assim, depois que a experiência

é traduzida para essa forma, está-se apto a passar para a potência intelecto passivo, que faz mais uma abstração: torna as espécies sensíveis em espécies inteligíveis. Essa segunda abstração é necessária, porque, na primeira, o objeto é capturado misturado às condições corporais do sujeito conhecedor, mas, conforme a S.T, não é possível haver conhecimento nessa limitação, pois ele só é possível em caráter universal, abstraído do que é material; e é exatamente isso o que o intelecto passivo faz, encontra as essências dos objetos. Portanto, o conhecimento se dá desta forma. A cada imagem que recebe, o intelecto passivo abstrai das condições materiais para se chegar à essência, a partir daí, com as essências, pode formar proposições que são utilizadas para raciocinar e definir, através da composição e da divisão. Por exemplo, os animais não possuem uma semelhança estrutural, uma formiga não tem nenhuma semelhança com um peixe, mas graças à abstração das diferenças individuais consegue-se classificar um peixe e uma formiga como animal. Nesse sentido, se os julgamentos que são formados sobre a realidade dizem que algo é, quando é, e que algo não é, quando não é, há a verdade. Pelo contrário, se os raciocínios chegam a conclusões que dizem que algo é, quando não é, ou que algo não é, quando é, há a falsidade. Portanto, sendo o caso que o real é o mesmo para todos, não há que se falar em uma percepção verdadeira ou falsa da realidade, mas em julgamentos verdadeiros ou falsos sobre a mesma. Diz-se que não há uma percepção verdadeira ou falsa do real, mas sobre o real, porque a realidade não depende do intelecto humano, mas, sim, do intelecto divino que as criou. Nesse sentido, é o intelecto divino que faz com que as coisas sejam verdadeiras, portanto, inteligíveis para o intelecto humano. Assim, depois que as coisas são garantidas por si em Deus, existe a capacidade humana de entrar em relação com essa realidade verdadeira. Se esta relação vinga, a saber, se o homem se conforma ao que é, há a correspondência do intelecto com a coisa, ou seja, a verdade.

Depois de se descobrir o que seja *habitus*, o que se pretende argumentar é que há ferramentas chamadas virtudes que podem ajudar a pessoa a apreender o real, mais facilmente e de forma correta. Ou, até mesmo, uma vez que o intelecto incorra em falsidade, elas podem ajudar a consertar, passando, fluidamente, para um julgamento verdadeiro. Todavia, o surgimento e o crescimento de virtudes exigem esforço. Pois bem, diz-se que uma potência humana está em disposição para várias coisas, sendo necessário que uma disposição duradoura direcione o ato a ser praticado pela potência. O *habitus* é essa disposição duradoura e de difícil remoção que se enraíza na natureza de uma potência fazendo com que tudo o que antecede o ato e o próprio ato se torne mais fluido. Ele é adquirido pela repetição constante dos atos de uma disposição. Se essa disposição for boa têm-se *habitus* bons, se for ruim, têm-se *habitus* maus. Aos maus dá-se o nome de vícios, aos bons dá-se o nome de virtudes. Importante salientar que essa repetição não é meramente motora, o que significa que o sujeito sabe e quer praticar tais ações. Contudo, os *habitus* maus chegam a perder essa liberdade. Ainda assim, o sujeito das disposições duradouras é livre para fazê-las crescerem ou abandoná-las, através da repetição constante. Eles crescem a partir do aperfeiçoar-se, se for um vício significa permitir, apenas, mais desordem às paixões, se for uma virtude, significa praticar a ação do modo mais racional possível. Quanto ao abandono, ele se dá a partir do enfraquecimento, um vício exige não só o abandono das más práticas, mas o enriquecer-se com virtudes, para chegar a eliminar uma virtude basta ir agindo com languidez em relação a ela. Não obstante, pelo fato de a alma estar individualizada em um corpo, há singularidades em cada pessoa, dada a natureza desta e a sua interação com o ambiente familiar, social e cultural. Tudo isso pode contribuir na construção e na manutenção de um *habitus*. Isso faz com que para alguém seja necessário um maior tempo de repetição constante dos atos de um *habitus* do que para outro que já tenha uma tendência cultural ou por natureza para ele.

Dessa forma, diz-se que a virtude, por buscar a realização aperfeiçoada das potências, promove a liberdade e a felicidade. Já o vício, por não realizar a natureza do homem e por fazer perder a capacidade humana de saber e querer, corretamente, o seu próprio bem, trilha o caminho da infelicidade. Pode-se dizer que bem aventurança¹, portanto, é conhecer e querer ordenadamente, a partir das virtudes. Essas podem se dividir entre as que vão cuidar do conhecer, intelectuais, e as que vão cuidar do apetite, as virtudes morais. Apesar das virtudes intelectuais estarem interessadas em contemplar a verdade nas coisas de que se tem conhecimento e as virtudes morais interessadas em como agir bem, uma contribui com a outra para o alcance de seu respectivo bem. Como se dá essa relação? Para o conhecer, é preciso ter uma alma pacífica, porque as agitações das paixões podem trazer distúrbios aos processos cognitivos e, para querer bem, é imprescindível que se tenha o conhecimento correto do objeto desejado. Assim, toda vez que se pratica um ato reto não há

¹ Para Tomás de Aquino há a dimensão espiritual da vida humana que também deve ser levada em consideração para a bem-aventurança. Por isso, ele propõe que, para que os atos virtuosos dos homens sejam meritórios, a caridade deve guiá-los. Esta é uma virtude teologal que tem por objeto um fim sobrenatural, Deus. De qualquer forma, é possível falar em felicidade adquirida por meios naturais, todavia, ela não é perfeita. A felicidade perfeita leva em consideração a dimensão pessoal e espiritual do homem.

que se falar em uma sectarização das virtudes, mas sempre em unidade, em outras palavras, essas virtudes aparecem, crescem e, se for o caso, morrem juntas, pois um ato intelectual é um ato moral e vice-versa, nos moldes explicados. Destarte, observa-se que o autor em questão possui uma visão do conhecimento humano em sinergia, pois leva em consideração a influência dos aspectos da conduta moral e da capacidade física do indivíduo; o conhecimento não é considerado uma atividade estritamente intelectual.

Além disso, o conhecimento humano não se dá somente de forma individual, mas ele acontece também de forma social. A Ciência estaria nesse segundo patamar e não é de se estranhar que Tomás de Aquino tenha identificado uma virtude para essa atividade que se compromete a comunicar a verdade de suas descobertas. Essa virtude se chama veracidade, que é uma virtude moral ligada à virtude social da justiça, e tem o papel de dar o que é devido a outrem. Diz-se que a verdade é devida a outrem, justamente, por causa da capacidade humana de comunicá-la e contribuir para o bem social. Aquele que faz o contrário de sua natureza está no vício e na infelicidade. Desta feita, percebe-se que até mesmo a prática de ações retas, por meio das virtudes, não tem somente um aspecto individual, mas, em um quadro geral, pode contribuir para o bem da sociedade, como é visto com o caso da Ciência. Nesse sentido, o estudo das virtudes se torna imprescindível para a busca de um ser humano e de uma sociedade bem-aventurada.

Conclusões

O conhecimento começa a partir da percepção do real. Ela é traduzida em representações imaginárias e essas são transformadas em conceitos. Os conceitos são utilizados para se fazer julgamentos sobre o real, a partir de raciocínios. Nesse sentido, a pessoa que tiver virtudes nessas potências que formam conceitos e julgamentos será mais bem sucedida ao tentar alcançar o conhecimento verdadeiro sobre o real. Não somente isso, aquele que não age de maneira antinatural, mas busca a realização de sua natureza através do aperfeiçoamento de suas potências está trilhando o caminho da bem-aventurança. Isso implica que buscar melhor conhecer pode significar ter uma vida melhor. Vale salientar que Tomás de Aquino vê o conhecimento em sinergia com outras partes da alma, não o vê como algo isolado, leva em consideração uma vida moral reta e interage com as condições individuais da pessoa. Assim, faz sentido dizer que as ferramentas que ajudam a aperfeiçoar os raciocínios estão em unidade. As virtudes, *habitus* bons, são essas ferramentas e se dividem em intelectuais e morais. A primeira organiza o intelecto e a segunda as paixões, sendo ambas necessárias para a produção do ato reto de cada potência em questão. Contudo, os *habitus* bons não são ganhos de uma hora para outra e nem podem ser traduzidos por hábitos, por não serem atos mecânicos, mas são conquistados a partir de uma prática que se pode dizer metódica, por dever ser frequente, e dedicada, por sempre exigir esforço em dar-se aperfeiçoadamente. Isso significa dizer que o sujeito das virtudes sabe e quer praticar suas ações, o que se diferencia dos vícios, *habitus* maus, que são antinaturais, levam à infelicidade e fazem perder a liberdade. Interessante notar que os *habitus* bons possuem gradação, podendo se tornar cada vez melhores, sempre a depender das condições do indivíduo e de sua dedicação. Além do conhecimento e das virtudes contribuírem para o bem do indivíduo, podem contribuir para o bem da sociedade, pois a ciência, ao dever comunicar o verdadeiro ao outro, pode valer-se da virtude moral veracidade para dar a verdade que é devida a outrem. Desse modo, as virtudes são importantes não só para o indivíduo, mas um indivíduo virtuoso contribui para o bem de todos.

Referências bibliográficas

LOUGHLIN, Stephen J. Suma Teológica: uma chave de leitura- tradução de Bruno Mendes dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica- Edição Bilingue. São Paulo: Loyola, 2006. Volumes I, II, IV e VI.